







O ESCRITOR ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

(Trecho de estudo)

José Lins do Rego

O tal movimento modernista de São Paulo já pode muito bem ser estudado sem paixão, uma vez que o tempo criou os entusiasmos e as prevenções. E verdade que com as torrentes que ele desencadeou deixou muita porcaria para as rãs.

Quebraram as chaves de ouro dos sonhos, mas não foi só uma rebeldia exterior, o que os rapazes paulistas tentaram com tanto sucesso. Eles tinham qualquer coisa de infantil para dizer-lhes e na prosa daquela época. E a gente tem que confessar que havia ao par da "lingua" um interesse humano no tema de criação deles. Por mais que procurasse a critica Mário de Andrade era um poeta de alma, com a minibacia lírica que o interesse secaaria desvendar a seu bordo. O outro Andrade foi uma espécie de corvo de destra guerra, mas um recurso a quem só interessava o caudar do adversário para tripudiar sobre o povo. Nada mais pertinente com feridez. Aliás, este posto pelo ascensional não se anotou com a glória. Como os bandolos profissionais, o poeta do "pau-bom" metia das coisas de orelhas para o deleite de seus bons amigos de letrado. A literatura nas suas dele é sempre um instrumento de suplício, para os seus inimigos. Mas isto já deve estar cansado do consagrado escritor de "Dileta de obamis" "Meter em literatura não dava de ser um ofício cruel. Por isso a sua contribuição na vertente de S. Paulo quase que não interessa hoje. O poeta teatral de mais debochara de tudo, a poesia e coisa suas nova, foi mais alien "à "lingua" pela "lingua". O que não se pode negar é que ninguém, na terra do Jataí, foi mais forte do que ele, fazendo o que ninguém podia fazer. Foi assim, admirovel, na derrota, mas pouco plantou de grande.

E no entanto como ele posse com a capacidade de fazer coisas definidas.

Agora, com Antônio de Alcantara Machado foi diferente. Mais não que os dois Andrade, Machado foi o mais brilhante, o mais direto na formulação da sua obra. Engenho Mário é um bicho "mico", Alcantara, abano para a vida, queria ver sentir como homem. Por isso os seus contos são mais libertados, é portanto de liberdade, da imediação. Como Oswald de Andrade ele criou o movimento artístico chamado e da Antropofagia. Foram por esse tempo terríveis condenações de carne branca. E neste bicho Sardinha foi derrotado em moquera pela fama criadissima dos dois. O professor da "Revista da Antropofagia" teria muita coisa que os diretores da "Alma Liberdade" poderiam utilizar, com intencionalidade. No fundo era o imperialismo que Alcantara, Oswald e Bopp viraram combater.

E desse tempo o "Laranja da China" de Alcantara, livro de contos em uma lingua delicada. A forca de vida dos pobres homens que o escritor captou em suas fôntes é desta que latela à vista. Mas o que nos surprende neste livro é o acúmulo de sua lingua. O escritor passou "Macunaíma" neste ponto. A lingua de "Macunaíma" é um fabuloso apurado de modismos que chega a dar um dicionário. Mas às vezes a erudição emborcha o grande escritor. O erudição-pólitico, a erudição-sentimental se perdem. Mário de Andrade subiu a porta que ele é. E a lingua se ressaca, perde o cheiro e o resto de terra molhada.

A lingua de Alcantara é livre, nem de dentro dos seus personagens, se articula com ma pureza admirável. Dele resulta um romance grande romancista de São Paulo.

# DOIS ESTUDOS SOBRE ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO -- João Ribeiro

## I — "BRAS, BEXIGA E BARRAFUNDA"

É realmente um excepcional escritor esse que nos dá, à maneira dos antigos cronistas, um tratado do Brasil, mas do Brasil novo e diferencial que se processa nas terras paulistas.

Da violência e caótica cidade escolheu os bairros bilingues



Página de rosto de "Pathé-Baby", o livro de crônicas de imagens de Antônio de Alcantara Machado

alpofragos do povo gris incerto e indeciso, antes do ponto, da queda umbilical do caldeamento.

Na minha tarefa de crítico, no baixo nível que se chama a recensão ou o registo da literatura corrente, sem urgências patológicas e sem intenção de expor as correntes doutrinárias e estéticas do nosso tempo, sempre me lascinou a curiosidade dos homens novos que tentaram e tentam a diferenciação dos nossos métodos de sentir, de pensar e de escrever.

Para mim, a irrageneração só se faria a prego de uma absoluta renúncia dos modelos europeus no horizonte à imitação das formulas e das escolas hereditárias, postuladas outrora e depois renegadas, recorrendo como se esquecia por muito tempo e eriçiosamente às fontes legítimas da inspiração nacional.

O livro de Alcantara Machado é um grande exemplo da literatura nova que entreveio triunfante, pôs menos na face atual das nossas lettras.

Que fez Alcantara Machado?

Buscou e achou um velo surífero na sedimentação progressiva e intensa da nacionalidade.

Não quis travar o combate do racismo ou do xitanejo, nem de índio problemático e absurdo. Não foi e nem era pra isso ir longe.

A porta da casa, descobriu o seu tesouro tão ignorado da gente ignara que passava.

Vivendo numa cidade moderna, tremula e estremante de vibrações contínuas de recomposição, descobriu a gente nova que inventaria, semente de futura grandeza e libertos.

Em São Paulo, que é o seu campo experimental, encontrou a camada nova ainda um pouco eruptiva e violenta que começava após uma germe, a sedimentar-se...

E a camada italo-brasileira, que repele na América a conquista romana, um pouco civilizada, sem aquela preocupação cloacina do inglês na justa frase de seu inimigo James Joyce: "no admirável Ulysses".

O italiano trabalha, acredita no seu mito da eternidade e traz a costar o seu Verbo (veja o conto — Amor e sangue) e por vezes ressuscita a Calábria, civilizada e maquiavélica.

"Parlo assim para facilitar. Non è para offendere. Primo, o autor pense bem. E poi me dà sua resposta. Domani, dopo domani, na outra semana, quando quiser. Io resto à sua disposição. Ma, pensa bem!"

Essa neo-pelique suíli é própria da alma italiana de hoje que distingue e distingue todas as coisas.

Dizia-me uma vez Gaudio da Cunha que na viagem italiana há o trem expresso, o rápido, o più veloce e o aceleratissimo, cada vez mais rápido e (alvez) mais lento.

Estive algum tempo na Itália e que saudades tenho! Mas só me impressionou que em matéria de trânsito havia o primo, o primo distinto e o primissimo. A unidade italiana não gloriosa, vive muito a essas intrigas astuciosas diplomáticas e militares.

O livro de Alcantara Machado dá essa feição nova, tenue do primeiro choque, depauperada, do italiano-brasileiro.

"Bras, Bexiga e Barrafunda" é bem o livro que nos revela esse interessante mundo, transparente e etoplástico que sai da ilusão para a realidade.

No seu "arreio de juncos" vem a cantiga sinal dos novos tempos:

Italiano grita  
Brasileiro fala  
Viva o Brasil  
E a bandeira de Itália.

A rima está como o figado advena em caminho de adaptação. Que dizer das histórias que compõem o livro? São temas magníficos, o Caetano que amassou o bonde, Carmela, a casadora fulil e a acomodatícia, o Tiro de guerra, ordem do dia paulista; chuva e sol o Amor e Sangue, que lembra um episódio dos Malavogia, a Sociedade, página pequena e grande, Livraria, de graça infantil, Corinthians versus Palestre e um etc. para resumir a enumeração, que seria fantástica por negar e omitir o texto, que é de obrigação civil a todo gente ler.

O livro é dedicado aos italo-brasileiros que emergiram da onda imigratória para lustre da pátria nova.

E não é um livro apenas para gôndio do leitor comum, interessado no historiador, no etnógrafo, ao lingüista, ao folclorista, que buscavam definir os matizes do Brasil novo. E na literatura, pelo documento indireto, é que se conhece com maior facilidade a civilização interna, para dentro das fachadas, do imigrante humano.

Bras, Bexiga, Barrafunda, marcava uma fase da novela brasileira.

(Jornal do Brasil — 4-5-1941)

## II — "LARANJA DA CHINA"

Antônio de Alcantara Machado é um dos maiores nomes da literatura contemporânea, na felicidade modernista que a caracteriza.

Não é um exagero dizer que é um mestre sem embate da sua florida juventude.

E' realíssime, um mestre na sua arte de observar e de dizer. Bras, Bexiga e Barrafunda desde logo empolgou a multidão que nele presentava o sinal revelador de um espírito original, vigoroso, novo e bem constituído.

Laranja da China trazca alguns traços mais fáceis. Quero dizer, da gente luso-brasileira que dá ainda o tom da sociedade já formada e estratificada, no passo que Bras, Bexiga e Barrafunda colhem a vida futura na sua quimera, em resumo, nascente.

Assim, pode parecer que Laranja da China seria menor original como concepção. Mas não é assim.

A originalidade própria do livro está na aguda observação quotidiana, nos pequenos fatos, minúsculos, trivialíssimos e comum da era e da hora que passa.

— ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO — Laranja da China — S. Paulo, Empre. G. L. L.

O seu método experimental a que não escapa o menor traço psicológico, realmente fora do comum.

Vemos nesse livrinha a história do pequeno funcionário que toma o bonde até o desembarque ao pé da repartição, numa hora apenas de vida com as tintas bêas e escrupulosas do ilustrador admirável.

O Filósofo Platão é um estudo de temperamento em dez breves páginas de humor.

A vida familiar (os plásticos do marido), o lado comum das futilidades entre marido e mulher; e as filhas e as filhancas — em alternativa de aborrecedores e de alegres — treinados a juncos (permitem-nos dizer nesse livro de humor) e desprezados.

Em muitas coisas, o sr. Antônio de Alcantara Machado nos lembra-nos o Lílio Barroto da Vida de Gonzaga ou o P. po Quaresma.

Não temos, pois, nem uma dificuldade em proclamar Laranja da China, foi certamente criada na multidão que dão o seu som sombrio, tanto é nela doce o agir e a causa dessa fruta.

Esperemos o seu romance prometido, para o qual se intenciona, se a alcuna parecer que é emergendo o nascido nascendo de critica.

(Jornal do Brasil — 24-10-1941)



Antônio de Alcantara Machado em um fotograma de seu filme "Em Memória", que se encontra no seu "Em Memória".

# Uma página característica de Antonio de Alcantara Machado

... quer morrer na Europa. Quero ir morrer no Brasil, na cidade de São Paulo, numa manhã quente. Sobre tudo quero morrer de chupé na cabeça. Quem morre de chupé na cabeça não tem respeito medroso pela morte, nem tem medo da morte. O continuo Serafim costumava falar com muita admiração na porta do palácio presidencial: "este deve ser grosso, entra de chupé na cabeça". Os que subiu a escada já vira tirando o chapéu esses são pedentes, são os homens, vão ser deslumbrados ou humilhados.

... não. Eu na manhã bem quente me apionei, saírei de casa andando firme, deacelerei bonito, os conhecidos da rua Ana Chirita, entrarei no lado de Santa Cecília e em frente da igreja, no lado largo, subirei no refúgio me encostando no tapete esgalhado. Nos braços do lampião virei amparado quando chegar o momento. Como já disse: subirei no refúgio. Tinha certeza sobre o nível dos paralelepípedos. Puxasse instantes trinta centímetros, seriam uns trinta e uma vertiginosa. Eu me sentirei no alto, mundo ao alto. São Paulo então não abandonaria seu sono. Com cheiro de gasolina, com fumaça de fumaça com barulho de bondes, com barulho de carros, carros e automóveis, com barulho de vozes, com cheiro de gente, com latidos, cantos, pipilas e cacos, com barulho de fonógrafo, com barulho

de rádio, campanhas, bussinadas, com cheiro de feiras, com cheiro de quintaladas, todos os cheiros e também barulhos da vida, São Paulo enceraria silêncio da morte. Porque não se deve esperar a morte deitada na cama, de cara amarrada, de olhos fechados, entre remédios e lágrimas. Não é visita de médico. A morte não gosta da morte. A morte só gosta da vida. A morte chega no momento justo em que o homem vai perder a vida para não deixar o homem morrer: para dar vida eterna para ele. A morte é que imortaliza. Ela salva o homem que o mundo quer matar. Livra o homem do mundo. Isso é insinuado. Eu quero bem ao mundo. Porem quero mais à morte porque eu não conheço nada deles e por isso posso esperar tudo deles.

Quero passar de um amor menor para um amor maior e sou humano enfeitando o que virá com bobagens lugares-comuns. E não há maneira de caminhar sem dar as costas ao que se deixa. A lembrança do passado não existe porque passado lembrado é passado presente. Não é passado. Largo e em rigor este não existe. Lembra-se é presente e se liga ao futuro. Esquecer não é nada. Dos inumeráveis que eu fui sucessiva e simultaneamente couse nenhuma rest. No único que eu sou agorá (formado por eles) eles desapareceram. E eu sou a fusão depurada de todos para durar na morte, entrar e permanecer uno na morte.

A gente cai na vida que nem semente na menteira: para ganhar forma. Desenvolvida e transportada. Vai florir em outro lugar. Por isso é que se põem flores nos caixões e nos túmulos. É uma precaução pledora: poderão servir para o defunto se os botões dela não vingarem. Casaca emprestada para o amigo figurar no batalhão. Dissem para o defunto: "Em todo o caso leve estas para a garantia".

Para o amigo figurar no batalhão. Batalhão mesmo. Há um momento em que o homem enxerga dentro da morte como o consulado constuma espiar e sair antes de entrar. As vezes espiá e não entra: o traje é de rigor. Vola para casa. Vai se preparar melhor. São os arrependimentos de última hora. Unas palavras, nem isso, um pensamento desmentindo, corrigindo uma vida inteira porque o homem verificou que não estava bem preparado para entrar na morte. Prepara-se depressa para não perder o batalhão da morte sem fazer feio nele.

Eu entrarei de chapéu na cabeça. Dizer: "O, não sabia que havia festa". E o meu desembaraço gera tão grande que ninguém atentará na minha desleigância.

(Página escrita na Europa por Antonio de Alcantara Machado, quando da sua última viagem e achada entre os papéis que deixou. Acham-se no "Memória do escritor".)

## GAETANINHO — Antônio de Alcantara Machado

... Gaetaninho, como é? Gaetaninho trouxe barbante para o meio da rua, O Ford que o derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro disse um parabéu e ele não ouviu o parabéu.

... Gaetaninho! Vem pra dentro! Tudo materno, sim: até o Ford andou escuta. Virou o rosto, o triste de sardento, viu a morte vir e cintou.

... Só! ... Pôr chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo... Estudando o terreno. Diantre da mãe e do chefe. Balaio e o saco. Pôr de campo de futebol. Tudo voltar à direita. Meu meia volta instantaneamente voltou pela esquerda por trás dentro.

... Ali na rua Oriente a ralé Alfonso, Bepino? Meu pai deu uma vez na cara dele. ... Então você não vai anunciar ou de casamento. Por mim não entrou! Eu vou! O Vicente protestou, indagando: era de realização muito nado: de si. Um sonho.

... Bepino por exemplo. O Gaetaninho está atropelado! ... O Gaetaninho voltou para seu posto de guarda. Tão cheio de responsabilidade.

... O Nino veio correndo com a bolinha de mola. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços esticados, as mãos abertas. Gaetaninho ficou pronto para a luta.

... Pôs pro Bepino! Bepino deu dois passos e meteu o pé na bota. Com tudo o que quis. Ela cobriu o guarda-soludo sardento e foi parar no meio da rua.

... Vá dar luto no inferno! Cala a boca, palestrino!

... Traga a bala! Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bala, um bando de pegos pegou e matou. Na bala vinha o pai do Gaetaninho.

... era o único meio! ... Gaetaninho enfiou a cabeça na boleia do travessereiro. ... bala, rapaz! Na fronte, queijo! cavalos pretos empacinhados levantavam a tia Flórida para o cemitério. Depois a padre. Depois o Sáviola, triste de lá, de luto nos olhos. Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro, com a roupa marinheira e o lenço branco onde se viu. ... Entrou São Paulo. Não, ficou muita bonita de roupa marinheira, mas com a palheteira nova que o Irmão lhe trouxe da fábrica. E ligas novas segurando as mistas. Que liga, rapaz! Dentro do carro o pai, os dois Irmãos mais velhos sumiram de gravata vermelha, outro de gravata verde e o cocheiro, seu Salomão. Muita gente nas calçadas, mas pouca, e nas janelas das palaceterias, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho.

... Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir correndo e chique. O desfecho da rochinha não queria deixar. Nem por um instante só.

... Gaetaninho ia berrar mas a tia Filomena, com a manta de catar o At. Maria, todas as manta, o acordou. Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de sono.

... queria morrer na Europa. Quero ir morrer no Brasil, na cidade de São Paulo, numa manhã quente. Sobre tudo quero morrer de chupé na cabeça. Quem morre de chupé na cabeça não tem respeito medroso pela morte, nem tem medo da morte. O continuo Serafim costumava falar com muita admiração na porta do palácio presidencial: "este deve ser grosso, entra de chupé na cabeça". Os que subiu a escada já vira tirando o chapéu esses são pedentes, são os homens, vão ser deslumbrados ou humilhados.

... não. Eu na manhã bem quente me apionei, saírei de casa andando firme, deacelerei bonito, os conhecidos da rua Ana Chirita, entrarei no lado de Santa Cecília e em frente da igreja, no lado largo, subirei no refúgio me encostando no tapete esgalhado. Nos braços do lampião virei amparado quando chegar o momento. Como já disse: subirei no refúgio. Tinha certeza sobre o nível dos paralelepípedos. Puxasse instantes trinta centímetros, seriam uns trinta e uma vertiginosa. Eu me sentirei no alto, mundo ao alto. São Paulo então não abandonaria seu sono. Com cheiro de gasolina, com fumaça de fumaça com barulho de bondes, com barulho de carros, carros e automóveis, com barulho de vozes, com cheiro de gente, com latidos, cantos, pipilas e cacos, com barulho de fonógrafo, com barulho

## BIBLIOGRAFIA DE ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Pathé-Baby — Impressões de viagem — Prefácio de Osvaldo Andrade, estampas de Paim. Contém crônicas da França, Itália, Inglaterra, Espanha e Portugal — 225 páginas. Editorial Helios — São Paulo — 1928.

Braz, Beixiga e Barra Funda — Notícias de São Paulo — Oficinas da Editorial Helios — 114 páginas — São Paulo — 1927.

Comemoração de Brasílio Machado — Na Faculdade de Direito de São Paulo, em 14 de novembro de 1928 — 23 páginas.

Encontram-se nessa placa o discurso de Antônio de Alcantara Machado, que falou em nome de sua família, e o discurso do professor Reinaldo Porchat, que falou em nome da Congregação da F. de D. de São Paulo.

Laranja da China — 150 páginas — Oficina da Empresa Gráfica Unida — São Paulo — 1928.

Anchieta na Capitania de São Vicente — Memória premiada pela Sociedade Capitânea de Abreu, em 1928.

Cartas Jesuíticas. III — Cartas, Informações, Fragmentos históricos. Escritas do padre Joseph de Anchieta S. J. (1581-1641) — Publicação da Academia Brasileira de Letras — 667 páginas — Com prefácio de Afrânio Peixoto e notas de A. de Alcantara Machado — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 1933.

Maria Maria (entas) — 208 páginas (Publicação postuma) Capa de Santa Rosa — Livraria José Olympio — Rio — 1936.

Caçapininho e Sarafone — 328 páginas — (Publicação postuma) Prefácio de A. M. Alcantara Machado — Livraria José Olympio — Rio — 1946.

A essa bibliografia convém acrescentar:

— Memória de Anchieta Machado, 23 de maio de 1901 (set. 11) de abril de 1931 — 500 exemplares numerados de 1 a 500. Impressos por Elvino Peixoto. S. Paulo 1941.

Esse livro contém artigos e crônicas sobre Antônio de Alcantara Machado, assinados pelos seguintes nomes: Antônio Graciano, Aíasis Chateaubriand, Augusto Frederico Schmitz, Augusto de Athaíde, Doutorinian Costallat, Benjamin de Lima, Cândido Mota Filho, Cincinato Braga, Dário de Almada Magalhães, Edgard Cavallheiro, Francisco de Assis Barreto, Helo Silveira, Jayme de Barros, José Lino da Rega, Laerde Assunção, Leopoldo Almeida, Mário de Andrade, Mário Gostini, Menotti del Picchia, Moraes de Andrade, Mário Leite, A. C. Pacheco Silva, Paulo Cunha de Moura, Pio Corrêa de Oliveira, Rodrigo Mala Fransc de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Millet, Tercílio Lopes, Tercílio de Almeida e Vilhão Correia.

A desse sessenta horas do dia seguinte saiu um enterro da rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros da acimpanhamento. Ia no lado de frente, dentro de um círculo fechado com outros pobres por cima. Vivia a noite, na marinhete, tibia na Marca, mas não levava a palheteira.

Quem na boleia de um dos carros do cortejo mítim, exibia soberbo lenço vermelho que fazia a vista da gente era o Bepino. ...



A casa da rua Barão de Cunha, n. 21, onde morava Antonio de Alcantara Machado.

## As fontes deste Suplemento

Para a redação do número do Andrade, também de "Autores e Livros" que, fui à disposição de "Autores e Livros" uma riquíssima de valor incomparável — "O Noritá" — história oferecendo ao público, uma espírito convidado em um ato, encarado por Antônio de Alcantara Machado. Trata-se, queremos crer, do único trabalho que exerceu para o teatro que sempre foi um apreço do ardente do teatro, quem ocupou durante anos com o mais raro brilho a coluna de crítica teatral em jornais paulistas e cariocas. "O Noritá", que Rodrigo Melo Franco considera em autógrafo, é agora

Queremos expressar a nossa gratidão aos três autores escritores que com tanta gentileza cooperaram para dar maior realce a este suplemento, em que procuramos estudar, com o amor que a elas justamente tributamos, a figura do autor de "Casapininho e Sarafone", original legítimo de sua garagem.

Quanto a Rodrigo Melo Franco, queremos expressar a nossa gratidão aos três autores escritores que com tanta gentileza cooperaram para dar maior realce a este suplemento, em que procuramos estudar, com o amor que a elas justamente tributamos, a figura do autor de "Casapininho e Sarafone", original legítimo de sua garagem.

## Correspondência de escritores

## Carta de Antonio de Alcantara Machado a Alceu Amoroso Lima -- ("fac-simile" de autógrafo)

PARA

1 São Paulo, 8. Junho 1943

"A ordem" terá meu amigo - Alceu - e será sobre  
Brasilio Machado. Sua última carta me deu cora-  
gem. Não sei nenhuma de alemão, quis traduzir o "Welt-  
geist", regrei num velho livro que há anos me  
ajudava a escrever consciencioso e honesto. "Ich habe ei-  
nen guten Bater und eine gute Mutter", não conseguia  
traduzir, fiquei comendo com o lixo nas mãos.  
Pois é. É que lembro de falar com meus pais  
reparado no Grêmio de São Bento depois pelo pa-  
dre João Guadalupe (que deante do altar da capela  
provisória pregou o sermão com gritos e lágrimas)  
me convidou a durante meses todos os domingos  
me ajusse para receber a hostia. Depois esse fer-  
vor acabou, eu era criança, a comunhão era uma  
festa, um acto que se repetia porque lá me clava-  
va sôbre os corações meus que eu me sentia católi-  
co por um instante mas é uma concessão à tradição  
familiar não é? Não é só porque eu tenho medo  
é isso mesmo. Alceu - eu tenho medo. Não sou des-  
prezível. A fé é uma graça mas para que seja operante  
(eu acho) é preciso quer uma vida diferente da  
minha que se chama honestidade e a parcialidade  
humana. Hoje eu não posso organizar cristãos  
de minha vida interior. Sei perfeitamente que a maior  
e a maioria dos católicos entra na igreja para bisco-  
tar que está a perdida do que faz, do que continuaria  
faendo e cujo poder é maior na religião que seu  
tempo de se apossar. Eu não me acho peccado. Só  
que não me dá satisfação minha vida, ela não  
me dá apoio para ser o católico que só é, que não  
sou eu, que eu sou. Não é que eu não a procura  
necessária, que dá a certeza de estar com a Verdade.  
Eu sou isso: como é que sou me apresentar deante  
dos outros como possuidor da Verdade? Fico assustado  
quando vejo um Alceu proclamar que não  
há hesitar entre fé e verdade e dar aos outros  
a impressão violenta de que está com a verdade. Is-  
so é o perigo de minha vida como a sua. É o resul-  
tado fatal do que só é, que não. Eu sou a Ver-  
dade em outros, falso de mim. É tenho medo dela  
porque ela é a negação do que eu sou. Sinto a Ver-  
dade mais, a honestidade. Se vesse ela me chama e  
eu resisto porque só estou preparado para recebê-  
la. Minha egoísmo ainda é maior. Minha verdade  
com certeza. No dia em que quer coragem de me con-  
fessar a Fé se consolidará na Vontade. Não é isso  
que é minha vida terá Fé.

Até lá - Alceu - eu permanecerei vacilante e não  
podendo ser só é que alegro contarei a vida de quem  
sei isso, meu Deus. Contarei por aí, mas carinho  
que abunda.

Tanta coisa para fazer (rascunhos, aquarelas, embargos  
& contestações), no entanto deixei tudo para lhe escre-  
ver. Prova de que, que você me diz me convence. Con-  
venceu com que é pra falar de parte integrante de  
meus dias seu período de grandeza. Nunca (os dias no-  
tivos) contarei a ninguém o que agora confio a você  
compreenda, desculpe e abrace o seu

Alcantara

O coração de Antonio de Al-  
cantara Machado - (TRECHO DE  
ESTUDO) - LOPINHO VIEIRAS

Não falei ainda no coração de Antonio. Poderia dizer coisas excelentes, pois tanto ou  
mais que sua intellivência, eu  
colhorei e admirei o seu cora-  
ção. Não sei de estudo mais il-  
luso do que o que forava o inten-  
tivo daquela alma. Não lhe  
botava o coração nos olhos, como  
a muitos. Até visto de um  
relance, poderia parecer que  
embora viva, seu olhar não era  
reflexo sôbre de um coração  
poco plástico, de uma alma  
inacessível. Mas, os olhos de  
Antonio mentiam. Eles que-  
riam decretar, dissimular, com  
cumes através daquela exterior  
discreta, a alma de eleição de  
tamanhos esplendores lapidada  
que foi por gerações ilustres de  
intellivência e de fé e por uma  
educação opulenta, bebida no  
conceito da raça paterna, or-  
dens de virtudes cristãs.

Pensou que a fé com aque-  
la anciã que nimba os cora-  
ções aterrados, no de Anto-  
nio também não houvesse en-  
gravidado... Contudo, não po-  
demos postular os divinos de-  
signios. Deus que nas mãos do  
homem pôe todos os recursos de  
sua bondade e de sua sabedoria,  
para que o homem o busque e  
o encontre, teria, diante aqueles  
recursos, a maioria dos quais é  
misteriosamente incognita para  
nos, destinado algum ao nosso  
Antônio e esse quem o pode-  
ria negar, haveria suprido na  
morte o que lhe faltou na vida.

(Em memória)

## UM ROMANCISTA DO SUL - (TRECHO DE ESTUDO) - Jayme de Barros

Uma tarde entre as estantes  
altas de sua livraria, José Olim-  
po, que não é tal como aquele  
livreiro londrino, a que se re-  
feriu Wilde, apenas um editor,  
mas um homem que admira a  
intellivência e estima os livros,  
pediu-me para dar um recado  
a Antonio de Alcantara Machado.  
Sabia que ele estava escre-  
vendo um romance e queria edi-  
tá-lo.

Ainda ontem trabalhei nele  
- foi a resposta do autor de  
Maria Maria, quando, dois dias  
depois, lhe falei sobre o assunto.

Era uma segunda-feira. No dia  
seguinte adoeceu. No cítrio, via-  
javamos juntos para São Paulo.  
Ele fechado num cajado ne-  
gro, pesado, inteiramente liso,  
que eu olhei toda a noite, no  
trem em marcha, sem compre-  
ender.

Ainda hoje não comprehendo.  
Pois uma injustiça, uma cruel-  
dade a morte de Antonio de  
Alcantara Machado. Diante des-  
te livro, que é a mais forte ma-  
nifestação de sua capacidade  
de escritor, revivia-se a revolta  
que me causou.

Ainda ontem trabalhei

neste romance inacabado,  
que podia ativar bem o que perde-  
mos. O livro maravilhoso coloco-  
u Antonio de Alcantara Machado,  
de maneira um pouco imprevis-  
ta, entre os grandes romancistas  
moderados do Brasil, sem que  
se pareça, na originalidade do  
estilo, na penetração psicoló-  
gica, na naturalidade da nar-  
rativa, na austéria de litera-  
tura, com qualquer deles.

Colindância estranha. Os úl-  
timos períodos de Maria Maria  
encontram a descrição de um eu-  
terro, no cemitério da Consola-  
ção, em São Paulo: "Olhou o  
relojão: 11 horas. Na área prin-  
cipal deu com um enterrado que  
elegava. Atirou do cajado. Um  
velho caminhava, o lençol nos  
ombros amparado por dois moços,  
também choroso. O padre com  
o livro de orações, protegendo a  
vista contra o sol forte. Pouca  
porta. O chão da estrada tocou

Maria Maria deu 400 reis para  
que fôssemos transformados por  
uma romancista completa que se  
estava em São Paulo, lendo  
que fechou comovido, triste, no  
vicio um sino tocar ao longo

a negra velha. Não podia dar esmolas, não. Mas sentia

que alli devia dar. Estava um  
pouquinho comovida. No ter-  
reno dela não via ninguém.Era capaz até de falar perto  
para carregar o cajado. Movi-  
ria no hospital. Para não dar  
trabalho a ninguém. Fora des-  
cendo a rua da Consolação, ao  
longo do muro do cemitério. Na  
frente dela, duas meninas desandálias, carregavam uma ca-  
ta de lavadeira. Conto um caju-  
xão. Uma de cada lado, segui-  
rando na alegria. Apressem o pas-  
so; na esquina, tomou um taxí.

O taxí automóvel ainda via as me-  
ninas que haviam passado a  
esta na calçada, desculavam

alegria.

Não creio que esse româ-  
nico de Alcantara Machado  
possa ser considerado um  
desdobramento natural, pre-  
visível, esperado, de seu trabalho  
anterior. E' até certo ponto  
uma surpresa. Foge por com-  
pleto ao gênero crônico; que é  
o característico da obra literária de  
Pathé Baby e Laranja da China,  
para não falar nos trabalhos  
históricos.

Mesmo os seus contos, estam-  
eram crônicos. Alguns com traços vi-  
vos de caricatura. Outros, sur-  
preendidos de repente, na obs-  
curidade das grandes rádios, a  
ramados à brutalidade das vidas

como aquela da morte de Gua-  
tanambo.

Surpresa, mais pelos aspectos  
cômicos, pelos tristes rincões,  
enclausurados de pequenos feste-  
jinhos, que escapavam a toda  
gente, desobedindo de trás de  
tudo, expressões pilares, lati-  
cias indiferentes aos teatro-  
citas, individualizadas e contínuas.

Parêla. Não era. Dava av-  
ento a alegria falsa e ruim,  
o luxo excessivo, os descom-  
unhos de prazer, quanto à  
tristza, a melancolia, os luto-  
res figuras.

Mas nesses contos, recon-  
travam o escritor maduro e de  
reverente de Pathé Baby, Braz  
Branca e Barra Fonda, de La-  
ranja da China, que a morte des-  
pôs se transformasse por fim  
num romancista completo que se  
estava em São Paulo, lendo  
que fechou comovido, triste, no  
vicio um sino tocar ao longo

**Cavaquinho e saxofone - Sergio Buarque de Holanda**

Uma das crônicas que formam o volume partem do diário de Aluísio A. Machado - *Evangelho e Saxonio, Lito*, de José Olimpio, Editor, de Janeiro, 1920 - mostram-nos como corriam e aí se mantinham para uso próprio de que sempre guardou grande o príncípio, o que é a liberdade literária do seu tempo herdeira do "muzinho". Na crônica que traz esse "muzinho", publicado, aliás, em edição, antes de seu uso de estrela, servira, no melhor futuro da revolução de 1923 - revolução física, mental e sentimental, se entendido -- para recordar esse agitado período das suas letras.

Não obstante a suposição min-  
tora do título — Subscrevo para  
a história da Independência  
a tese de Antônio Alceu  
que não quer elunhar sem co-  
pitá-la. O autor deixa-se sim-  
plicamente escaiar, muito a mís-  
to do tempo, contra as velhas  
“carpideiras intelectuais” e  
para desmontar ainda mais o  
historiador futura, escreve col-  
unas desto gosto: “A meminima  
moderna surgiu que nem cap-  
peira em festa de sambório”.  
Distribuindo-as de arraial. Ar-  
ruminando-as de ouvido. O que  
não prestava virou logo de per-  
nas para o ar. Hoje multo  
narraria esborrachado. Muita  
coisa quebrada. As nove mu-  
tarem nova chiliqueira can-  
tada. Ocorre quis se esfor-  
çar.

nes blindex de Alberto. Os bil-godex não queriam. Fontes separam. Coelho virou onça. Lima azedou..."

Quaisquer se lem tavar de que em seu quarto número, **Kluxxon** recorre a um mito de Lima Barreto, onde os "Autaristas da Pacifica" se viam assimilados nas estridentes discussões de Felipe Marinelli? Creio, aliás, que o que sucede, se excede, no meu caso, visto antes do lado dos Klaxxas, indignados com a confusão. O criador de Isaías Caminha forja até moderado e mesmo maliciosamente amputou quando se referiu ao pessoal da Kluxxon. Todo o seu mau humor reservava-se para

# GENIALIDADE BRASILEIRA - Antônio do Monteira Lara Machado

O Brasil é o único país do continente que é francamente propenso em que não ser literato é infelicidade. Toda a gente se sente no dever de idealizarmos de fazer literatura. Ao menos uma vez no ano e para gosto doméstico. E toda a gente pensa que fazer literatura é falar ou escrever bonito. Bonito entre nós da vez que quer dizer difícil. As vezes tudo. Quase sempre eloquente.

O cavalheiro que mostra a sua

Era, independentemente, nenhuma novidade. O Brasil e o mundo. O resto é bobação. Castro Alves bate Vitor Hugo na curva. O problema da inacreditável em São Paulo adquire dimensões. São as extensões estudadas. Somente a Sociedade das artes é que se droga. Você vê por Wagner a canja para Carlos Gomes. Em Berlim como em Nápoles, em Leningrado, como em Nagasaki só temos os admiradores ineficientes. O universo é feito nos contempla. Ele nos

Essa fobia nôo da genialidade brasileira é a mesma do Brasil, pri-  
incomparável que é bobagem.  
E nôo é verdade  
("Cavaloquinho e Sessão").

## Mana Maria -- Oscar Mendez

Com a morte prematura de Antônio de Alcântara Machado perdeu o Brasil um de seus maiores convidados. Deve BRAZ, BEXIGA, BARA FUNDA e LARANJA DA CHINA, a gente já se acostumara àquela manjete deliciosa de narrar, em que numa linguagem de puro sabor brevemente, se mesclavam ironia e piedade pelas ridículos dos po-

ler uma história de Antônio da Alcâniara Machado era ter a certeza de encontrar nele a vida de todo o dia, com as suas bres humanas, sem complicações vocábulares. Os demais contos não descrecem do romance inacabado "AS CINCO PARELAS DE OURO" é um flagrante magnis-  
tico.

tristeza, as suas miséquinhices e os seus deliciosos ridículos. A morte privou-nos desse prazer. Mas em boa hora os amigos do escritor resolveram reunir-lhe a obra inédita, e graças a essa píssima homenagem podemos hoje satisfaçarmos-nos com a leitura de novas páginas do inesquecível paulista. Compõe-se este príncipe *livro* de suas obras póstumas, de um romance inacabado e de cinco contos. Após a leitura de *Maria, Maria*, a exclamação que nos reio longos ôiblos, foi uma lamentação por não podermos continuar e conhecêr a da vida política do interior, por acordar de esfervescências resplandecidas. "Miss Corsican" é uma extraordinária sátira do concursos de beleza. "Guerra Civil", de uma bondade sem par, contra as nossas lutas fratricidas. "A dança de S. Gonçalo" fixa um aspecto folclórico da nossa vida roceira e "Apólogos brasileiros" sem rôa de alegoria fermina, em admirável sátira esse soberano luro de um de mais felizes fixadores da humanidade, tal qual ele se mostrou sem arrebiados de escritor e grossador.

"Folha de Minas" 25-10-1934



Dois ilustradores do Peru para o "Pethi-Baby", de Antônio de Alencastro Machado

que nenhum me deixara forte leitura de António de Alcantra Machado, em *Jouarais da vida* (Continua na pág. seguinte) dada meses antes do seu falecimento.



## CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

## Carta de Antônio de Alcântara Machado a Manoel Bandeira

S. Paulo, 21 de agosto de 1941

Museu Paulo Manoel Carneiro de Antônio Bandeira,  
filhoSanta Teresa

Prezado amigo e senhor:

Temos em mãos a sua de 15 do corrente. Lhe agradeço caro a gentileza e paciência com que salvo o pedido tanto quanto anterior. A encoronação chegou em sua hora

as notícias da sua não só que o prelado antigo padeceu de mala de sorte nesse papel. Fechou-se pacientemente o estabelecimento por motivo de doença na pessoa da noiva convidada. A partir de domingo, porém, veremos se era aírdade.

Quanto às observações da v.s. sobre o prelado antigo do caso presunção sócio solidário no caso "Oscarina", sempre nos informou que o prelado amigo labora seriamente equívoco. Não se trata, como parece a v.s., de um ato de covardia, para não repetir aqui o termo de paixão seu comercial expregado pelo prelado antigo. Tendo o sr. Tristão de Athayde se referido no "O Jornal" aos prelados de nossa excludente fabricação, se julgar que se devia ter lhe dado pena maior, Rebello, certamente não deve de sobre essa não manifestar em público o que parece de sacrilégio. O sr. Tristão de Athayde afirma que, depois do Bras, Be  
lga e Barraria e outros artigos de nossa memória, o prelado brasileiro só foi convenientemente visto com o desonrado "Oscarina". Seria, portanto, cometer a sua ética industrial só, de nesse parte alguma restrição, embora igrejas, os sacerdotes brasileiros poderiam deserto de condenante prenunciado.

De todas essas explicações necessárias seremos-lhe da grata oportunidade para formular as mais sinceras votos para sempre prosperada recaída e concretar do prelado antigo

de v.s.

amor ato abr.

por Alcântara &amp; Cia.

ao antônio castilho de Alcântara Macrino d' Oliveira

## "CAVAQUINHO E SAXOFONE"

(Continuação da pág. anterior)  
impressão e nada neles parecia prometer o prosador admirável que vim a conhecer depois. Pode-se dizer que foi na fase modernista, que Antônio de Alcântara Machado se encontrou a si mesmo.

Desde então, sua atividade intelectual, as vezes distraída momentaneamente pelas viagens, pelo jornalismo, pelas pausas. Seus livros anteriormente publicados e agora este volume de quinze páginas, abrangendo artigos que se deslocavam, inicialmente, à imprensa periódica, dão apenas um testemunho imprevisível do que foi essa atividade.

A destruir com que ele sabia servir-se de sentenças breves e incisivas como de um instrumento sempre arcaico e admiravelmente apto a manifestar-lhe os pensamentos, poderia incliná-lo a um verbalismo fácil. Mas o pudor das expansões excessivas, o senso do ridículo e do humor, que tinha em alto grau, ajudaram-no a disciplinar-se e a disciplinar sua expressão. Detestava a eloquência ostentatória, a eloquência das palavras e a das intenções. Muitas das suas opiniões políticas explicam-se por esse lado. Sua aversão insistente ao fascismo italiano, por exemplo. Preferia a fórmula direta e expressiva à frase bem entoada. Queria criar uma espécie de prosa pura, equivalente da poesia pura que os críticos procuraram com afô: uma prosa livre da oratória e do lirismo. O torneio e a escolha das frases devem obedecer estritamente às circunstâncias do pensamento.

Muito viva, pouco poesia, prosa nemínia: isso se resumia para ele toda a história da literatura brasileira. Mesmo as sonocéas modernas visando dar caráter a prosa parisiense incompletas e falhas. "Na literatura brasileira de hoje — disse certa vez — a prosa se tem limitado a servir à poesia. Não se libertou desta, embora seja a mais linda". A própria solução Mário de Andrade, procurando reduzir o mais possível a distância entre a linguagem falada e a linguagem escrita, se o interessou como experiência curiosa e significativa, nunca chegou verdadeiramente a seduzi-lo. E, por esse simples motivo: tal solução vivia dar a prosa "um Brasil que desorienta..."

É certo que a poesia se vingava bravamente dessa retusa. Não conheço nada mais legítimamente poético em toda a nossa literatura de ficção do que algumas páginas de Braz, Beija e Barraria. Não há dúvida de que com a prosa mesmo com a "prosa pura" é possível fazer-se poesia. E, se estavam, para mim, uma das suas vantagens. "Porque com poesia não se faz prosa".

Nesse despojamento ideal nessa retinência deliberada ao oratório e ao poético, não entra nenhuma simplicidade forçada. Nem simplicidade for-

cada, nem erudição. Na linguagem popular, o que se ouvia do o atraía, era o que ele podia oferecer de expressivo e inesquecível pitorescamente expressivo. Sua curiosidade encerrada diante da obra de um Júlio Bonanotte e dos "Assassinos do Tietê" — que haverá sido "Lira Paulista" — não era dita por nenhum interessado folclórico ou científico. Achava mesmo que a contribuição folclórica em literatura pode intervir como elemento de desnaturalização, criando uma atmosfera poética.

A atração do pitoresco e tosco do grotesco era, aliás, muitas das inclinações de Antônio de Alcântara Machado. Esse homem, que dominava como outros cultura e civilização, mas deixava preterir a segunda a primeira, haveria quase urtado quando havia afirmar de um escritor, principalmente de um escritor brasileiro, que queria atingir a essência intima, a "beleza secreta" das coisas. Achava que, vencido no Brasil, país de sol e de cores fortes, tudo é aparente e ostensivo. Em uma das suas crônicas referindo a "seu contentamento" da coisa exterior que dava de si mesmo. A gente se reconhecia com a gente. Ganhava generosidade universal das fortes e tomas suas proletárias".

O mal está em procurar o esplendor que oferece o oportuno, apesar o demasiado visto e apreendido. Se há coisas desgradáveis aos olhos ou à imaginação, e que não apreendem a considerá-las atentamente e que consideramos enganadoras, que pedimos que a traduções fiquem. Assim, por exemplo, a troca intelectual de um povo é mais interessante do que a beleza romântica. "Tanto quanto que lá está reivindica sua individualidade e a sua personalidade". E também uma manifestação de sua inteligência. De seu espirito, se quiserem. E é permitido legítimo do modo de ser de pensar de aqui de lá. Da sua intuição, não só do seu pensamento das classes que demandam, como também, principalmente, da imensa massa anônima". E, de acordo com esse ponto de vista entra a imaginar uma antologia de histórias colhidas no parlamento, na imprensa, no teatro das lides e na retórica das ruas. Saindo com uma Paulistana, imaginam a América de Mencken, nas revistas originárias na Revista Nova, na Terra Roxa, na Revista da Antropofagia procuram "avançar" avante esse projeto.

O interessante pelas formas mais aparentes, pelos aspectos mais impressionantes e menos antropológicos, é nela elemento e elemento. Atitude de esquerda que preceve de alguma forma a para melhor observar os efeitos e que contempla o mundo com a indiferença clara, seja com uma "sensação" milhares de白天, pelas suas conseqüências, o partido extremo-não que é possível tirar de

(Continua na pág. seguinte)

## A ELOQUÊNCIA E O BRASILEIRO -- Antônio de Alcântara Machado

A eloquência marca Sloper que nos desgraça e com certeza resultado da preconcupação de fazer literatura a moço. Entende que todo a gente pensa que literatura é arrebatamento, ginástica verbal, businismo imaginoso, hipérbole sublime. E devido a isso mesmo há no Brasil muitos cavalheiros que falam mais poucos que dizem. Falam até debaixo d'água. Não digo coisa nenhuma.

De tal forma que hoje em dia o conceito de literatura é até pejorativo. Não presta pra nada este artigo. E só literatura. A culpa é inteirinha dos que a ela se dedicam, ban-

do-a, pondo-a ao alcance de toda a gente, com o objetivo de embolsar mil e um lindos de tributo da Língua.

Aliás para ser franco ninguém se diverte mais do que eu com as asneias das dragues sonoras dos oradores de minha terra. Sou leitor fanático das spanhadas jornalísticas das sessões no nosso Congresso, na nossa Câmara Municipal, das excursões políticas, das reuniões de agricultores, comerciantes e homens de letras, de todas as assembleias, de todas as festas e comemorações discursadas.

Leram ainda mais hilariante que a dos livros de Jerome K. Jerome. Nem se compara.

Então os nossos oradores e parlamentares, principalmente, há cada campeão em matéria de retórica edificante. Quem é que gosta de falar de boca aberta. Aí entra mossa. E verdade.

Por tal danado para dizer bagagem com ênfase. Nunca vi. Aí só vem sempre vestida de exagero estardoloso, amarrada com laçaduras do pentimento de negra, toda a ranzincha para dar bem na vista.

Todos os discursos tem um trechinho imutável que eu não me canso de saborizar. E quando o orador alude humildemente

te à miséria europeia dos seus países vizinhos.

E assim:

O sr. S. Sostis da Cunha. — Embora reconheça, sr. presidente, que minha deputada é que é deputada se chama a voz, tão desfeita a tribuna que vem quebrar a harmonia (nas apeladas portuguesas).

O sr. Amâncio Neto. — V. ex. é um belo orador. Tudo não é julgado da Política e da retórica, mas é de um homem de honra, de um homem de caráter, desbafado, certo, etc.

O sr. S. Sostis da Cunha. — Muito obrigado a v. ex. Começo dizendo: sr. presidente, sem respeito que a gente teme o seu

comportamento. — Faz só bestas e não sabe o que é. — (Continua na pág. seguinte)

João Filipe, em 10 de maio de 1942, é presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Tudo o que é dito é de sua responsabilidade. (Continua na pág. seguinte)

— Faz só bestas e não sabe o que é. — (Continua na pág. seguinte)

— Faz só bestas e não sabe o que é. — (Continua na pág. seguinte)

— Faz só bestas e não sabe o que é. — (Continua na pág. seguinte)

# Um dos contos mais famosos de Antônio de Alcantara Machado

Passou horas e metá. Nem  
só um minuto porque a ma-  
mã respeita as horas de tra-  
balho. Carmela sai da oficina,  
passeia um em seu lido.

Na Barra de Ipanema-  
ga e um depósito sarapintado  
de adesivos grifados. As  
caixas de modas ("Ao Chic Pa-  
rís", "São Paulo - Paris",  
"Tudo Elepante") despejam nas  
ruas suas costureirinhas que  
têm falso alto, balançam os  
quadros como pântorras.

"Tudo re e te está na exqui-  
sição.

Não está.  
Enfado está na praça da  
República. Aqui tem muita  
paz mesmo.

Que fizer!  
O céu de Carmela é cládi-  
no seu corpo é de espuma re-  
pe. Brutos nos, colo nu, joelho  
de lata, Sopapos verdes. Ba-  
no de sua Morenha maduro  
para os lábios dos amadores.  
Ai que rico coquinho!

Não se enverga, seu catu-  
cista! Pármãos sem edu-  
cação!

Uma bela e esperta e re-  
presa quebrada que reflete a  
luz reluzente de carmin pri-  
mo, depois o nariz chum-  
bo, depois os fios de so-  
bremilha, por último os dedos  
de veludo branco na ponta das  
molas descobertos.

Querer por ser estranha e  
fria é a realidade da compa-  
nhia.

Opa é automóvel do outro  
dia.

O cara docinho.  
Um cara brutal lhe re-  
mou o céu para o Botic  
de cima na espina da pra-  
ia.

Pode passar.  
Tudo obriado.  
Lhe na pontinha das per-  
nas baixa. Toda vermelha.  
Tudo vira pra trás, Bianca  
Encantada!

Quando de Alvez de Aze-  
vedo ou Encantado Vaca o An-  
tônio. Cortejo de jardins verme-  
los de ponta afiada, meus  
bombar, granadinhos destra ta-  
mancinho, chapéu o Rodolfo  
V. Lobo, paleto de um botão  
se espia há muito com os  
olhos escorregadios de 1977  
e a sua Barca de Ipanema-  
ga.

O Angelito.  
De lá!

Querer relaxar o passo.  
Carmela sentava no lido.  
Era só horroso vê-la. E  
não podia se não horroso no-  
má. Que sorri.

Dei o beijo.  
A mamãe só deixa a  
pente le na oficina.

— Ei Sei, Amanhã tem ba-  
le na noite.

— Que bala novidade. Anpe-  
lo! Tem todo domingo. Não se-  
gura no braco!

— Enfado!

Na rua do Aruche o Botic  
de novo. Passa, Repousa. Tor-  
nei a passar.

— Quem é aquele cara?

— Como é que eu hei de sa-  
ber?

— Você dá confiança para  
qualquer um. Nunca vi, pra-  
vez. Não vira pra ele que eu armo  
uma encrenca.

• • •

Bianca roe as unhas. Vinte  
metros aíras. Os freios do Botic  
marcham nas rodas e as pneu-  
máticas deslizam rente a calca-  
da. E escalam.

— Boa tarde, beleza...

— Quem? Eu?

— Por que não? Você me-  
ma...

Bianca roe as unhas com ape-  
go.

— Diga uma coisa. Onde mo-  
ra a sua companheira?

— Ao lado de minha casa.

— Onde é sua casa?

— Não é de sua conta.

O rosto de Bianca não se can-  
ta. Nem se atrapalha. E um  
languido.

— Responda devintinho. Não  
faca assim. Diga onde mora.

— Na rua Lopes de Oliveira.  
Nossa vila. Vila Mariana n.º  
4. Carmela mora com a fami-  
lia no 5.

— Ah! Chama-se Carmela...  
Lindo nome. Você é coçá de  
lhe dar um recado?

Bianca roe as unhas.

— Diga a ela que eu a espe-  
ra amanhã de noite, às 10 ho-  
ras, na rua... não... não... às 10  
horas de Santa Cecília. Mas  
que ela vá sozinha, hein? Sem  
meio. O barbeirinho também  
pode ficar em casa.

— Barbeirinha noda! Entra-  
gador da Casa Clark!

— E a mesma coisa. Não se  
esqueça do recado, Amorinha. às  
10 horas, às 10 da noite.

— Vai sózinha que pode vir  
sem conhecida.

— Tássia! Que tem?

No lado de Santa Cecília atrás  
da mola e contra o muro de  
muros do solante hista-  
pela represa verá.

— Vai re! H. J. de cinco mi-  
nutos só... Minha nos verá.  
Você verá. Não seja má. Sabe  
água.

Carmela olha primeiro a pon-  
ta do sapato esquerdo, depois o  
do direito, ceguinha do esquerdo  
de novo, deixa o do direito  
cruzado, apoiando e des-  
cruzando a cintura. Bianca só os  
unhas. Novinhas.

Logo encontra a Ernestina.  
Cento lido à Ernestina.

— E o Angelito, Bianca?

— O Angelito! O Angelito é ou-  
tra coisa. E pra casar.

— Ah!...

décimos disse que espera você  
amanhã de noite, às 10 ho-  
ras, no lado de Santa Cecília, noite.

— Até lá.

— Que é que ele pensa? Eu  
não sou doce, Eu não!

— Que filha, Nossa Senhora!

Ela gosta de você, sua boba.

— Ele disse?

— Gosta pra boba.

— Não vou na onda.

— Que fingida que você é!

— Chuu.

— Chuu.

• • •

Antes de se estender ao lado  
da molainha na noite de fer-  
ro Carmela abre o romance a  
penas e pentea a sobrancelha com a navalha:  
"Jovem a desgraça, ou a Odis-  
seia de uma virgem", fardela de  
Giovanni.

Percorre logo as prauas  
Um dia leitão. A de cima entro  
é dura demais. No fundo o im-  
ponente castelo. No primeiro  
plano a ingente ladeira que  
conduz ao castelo. Descendo a  
ladeira num disparado longo o  
japonês pincel. Mestra no pí-  
nate o apimentado cacaú do  
castelo imenso de capacete  
pratendo com plumas brancas.  
O astroverde no cachaço do  
pinete a formar a donzela des-  
mazada estremendo nos ventos  
os caleidos cor de carambola.

Quando Carmela reparando  
bem comera a realizar que o  
castelo não é mais um castelo  
mas uma mae e o tripeiro Gi-  
useppe Santini hera no corre-  
dor:

— Espera lá biel! Santini! Mi-  
lano nome. Você é coçá de  
lhe dar um recado?

— E — vânta — uma empata-  
rada bêbada.

— E — vânta — a esquina da  
alameda Gleice. Já vai anisa-  
do.

— Tássia! Que tem?

No lado de Santa Cecília atrás  
da mola e contra o muro de  
muros do solante hista-  
pela represa verá.

— Vai re! H. J. de cinco mi-  
nutos só... Minha nos verá.  
Você verá. Não seja má. Sabe  
água.

Carmela olha primeiro a pon-  
ta do sapato esquerdo, depois o  
do direito, ceguinha do esquerdo  
de novo, deixa o do direito  
cruzado, apoiando e des-  
cruzando a cintura. Bianca só os  
unhas. Novinhas.

Depois que os seis olhos  
cheios de estrelas e despe-  
lados a lenteinha fura-ira do  
Botic desaparecer Blevea resol-  
ve dar um giro pelo bairro.  
Imponente colas. Rendeado a  
unhas. Novinhas.

Logo encontra a Ernestina.  
Cento lido à Ernestina.

— E o Angelito, Bianca?

— O Angelito! O Angelito é ou-  
tra coisa. E pra casar.

— Ah!...

— Só com a Bianca...

— Não, para quê? Venha no-

ite.

— Sem a Bianca não sou.

— Está bem, Não pôde a pena

brigar por isso. Você tem aqui

na frente, A Bianca senta atra-

— Mas cinco minutos só. O

senhor falou...

— Não precisa me chamar de

senhor. Estremo depressa.

Depressa o Botic sobre a ru-

Veridiana. Só para no Jardim

América. \* \* \*

Bianca no domingo seguinte  
encontra Carmela no pondo a  
penas e pentea a sobrancelha que lhe une as  
luz da Alameda de 16 velas:

"Jovem a desgraça, ou a Odis-  
seia de uma virgem", fardela de  
Giovanni:

— Chi, qual a cosa pra falar  
bonita!

— Ah! Bianca, eu queria di-  
zer uma cosa pra você.

— Que?

— Você hoje não vai com o  
ente no automóvel. Foi ele que  
dizeu.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está  
ficando boba, Bianca.

— Ei, Eu sei por que. Pirata.

E você, Carmela, sim senhora.  
Por isso é que o Amor me dis-  
se que você está ficando mes-  
mo uma raca.

— Ele disse assim? Eu que  
bro a cara dele, hein? Não me  
compre!

— Pode ser, não é? Mas na-  
moreira de mágina não dá cer-  
to mesmo.

• • •

Saem à rua ruiva de negras e  
casas de amendoim. Não degran-  
de cimento, no lado da mulher  
Giuseppe Santini torcendo a be-  
ira-ira do meiro cospe e ca-  
chinha, encimba e cospe.

— Vamos dar uma volta só  
a rua das Fumacras, Bianca?

— Andinrus.

Depois que os seis olhos  
cheios de estrelas e despe-  
lados a lenteinha fura-ira do  
Botic desaparecer Blevea resol-  
ve dar um giro pelo bairro.  
Imponente colas. Rendeado a  
unhas. Novinhas.

Logo encontra a Ernestina.  
Cento lido à Ernestina.

— E o Angelito, Bianca?

— O Angelito! O Angelito é ou-  
tra coisa.

— E pra casar.

— Ah!...

## RUAS DE SÃO PAULO

A. de Alcantara Machado

As ruas de São Paulo não en-  
velhecem. Não tem tempo de  
enviá-las. Nenhuma existe cu-  
mo tantas há tanto tempo. Va-  
mos dizer vinte. Vamos dizer  
mesmo dizer. O que deve desmor-  
tar é com o Butantã, a Poti-  
têncio, o Paço da Agua-  
Branca. Inutilmente procuram  
encontrar com o poti-  
têncio.

As placas também não du-  
ram. Os nomes e adjetivos van-  
sando nos poucos sobrados pelo  
bairro. E só em seguida se  
verão alterados consigo os  
nomes deles. Ainda, há menos de  
três anos houve uma derro-  
bada de placas. Outras viram.  
Não tenham dúvida. Não ha-  
vendo dinheiro para construir  
estátuas, a ásia de homenage-  
gues se desfazendo rebatendo as  
ruas. Custa pouco e apaga  
também.

Por tudo isso as ruas de São  
Paulo não tem bairros definidos  
e afastam nas placas uma confusão de valores in-  
credível. O largo do Célio  
passou para largo do Palácio e  
agora é praça com outro nome.  
Entretanto, José de Andrade  
espera numa ruazinha escondida  
que lhe pe mita entrar no  
largo que é dele e do seu co-  
lega.

(Cavaquinho e Sagitário)

Antônio de Alcantara  
Machado na opinião de  
Agrípino Góes

Tendo o culto dos amores e  
da memória do anjo, a ciganer-  
íssima Brasília Machado que  
na Fortuna opinado pelo En-  
trevista, esse escritor de trinta anos  
era naturalmente um dedicado e  
um tradiçãoalista e a parte  
cívica nunca se desfazendo ne-  
nhum na Europa, desenvol-  
vendo um turismo algo ténico,  
mas nunca se esqueceu de seu  
São Paulo, que conhecia como  
se habitasse desde os tempos em  
que se chamou Praíninga. Po-  
messo eriando de uma prosa  
por vezes dialetal, entre italiana  
e brasileira, e o seu "Gostan-  
hão" já agora figura clássica,  
para a nossa galeria de tipos  
sociáveis, que desfazem micos  
sociais e exprimem grandes por-  
ções de gente.

Em verdade o fundo da mu-  
nicipalidade é popular, mas a arte sempre o impôs de  
cavar no folheto chistoso. Bes-  
paras e círios de São Paulo com  
a deliciosa paróia que lhe envol-  
te as colinas e as torres, e a  
utilização do material humano  
que recolheu para elas foi  
sempre feita com amor.

Intergênera saudavelmente  
reza, sentia por instinto o  
ponto afetado da personagem  
esquisita que ia por em cena,  
percecionado logo a lenda moral  
que a singularizava. Possuia uma  
grande biblioteca em casa, mas  
ignorava as exigências do episo-  
dismo e do orgulho das suas ruas que  
ele rebela desfazendo as  
estradas, evitando a deformação li-  
vresca e procurando os seus her-  
óis, não nos estóicos morros,  
mas na vida, assim da tur-  
bo.

Sem ser propriamente um  
bucólio, os boêmios e ultravi-  
olentos meninos paulistos, fui cri-  
mo os deus Paudé, Educa e  
Taudá, um escorpião. Compre-  
endeu e praticou a maldade das  
liveretas, mas não desdenhou  
também os anciolatas e hómon-  
tos aminhados revolvendo ele-  
mentos para um "miserável",  
entre sarcástico e enternecido,  
de dentro de robôs e bonecos no-  
vatos.

(Em Memória de A. de  
Alcantara Machado)



## "CAVAQUINHO E SAXOFONE"

Ilustração de Henrique  
França

Editora: J. M. da Mota  
Lima



# MACHADO — MUCIO LEÃO

entro; estava todo bonito, com a roupinha marujinha e um gorro onde se lia — "Encouraçado São Paulo"; por fim, ele entrou num cortejo que lhe levou para o cemitério... Mas não viajou na boleia, viu-se lá dentro, depois de ter sidoapanhado por que bonde... — Carmela gosta de divertir-se, passa tanto de automóvel com os rapazes, e isso leva o seu namorado a concluir que ela "está ficando mesmo uma vaca"!... — O Conselheiro José Bonifácio Mafra e Arruda tem um grande churrasco de suas traumas de sangue azul, e, entretanto, consente no casamento de sua filha com o filho de um emigrante português de infima classe, porque isso lhe trará algumas vantagens pecuniárias...

O mesmo sentido de caricatura, o mesmo pendor a tocar as coisas insignificantes, achamos em "Laranja da China". Este livro é diferente do primeiro. Não encontramos, nela, narrações, senão retratos: o retrato de um "patriota", o de uma "apalixonada", o de um "marido", o de um "ingênuo". Devo confessar que não gosto dessa preocupação sistemática da caricatura, que Antônio tem. Para sentir essa sua preocupação basta ver os títulos dos trabalhos que se encontram coligidos em "Laranja da China": o retrato de Robespierre, o mártir Jesus, o filósofo Piatnitski etc. Essa ideia de tirar um indivíduo da turba e dar o nome e o sentimento simbólico de um determinado varão da história, é um processo de demasiado banal. Dizia muito transparente o intuito da autora e da satira. E eu não comprehendo como um reparo tão fácil de fazer escapou à inteligência acutia e ao talento genial de Antônio de Alcântara Machado.

Os "retratos" de "Laranja da China" são como as narrativas de "Braz, Bexiga e Barriga Funda": tudo é grosso e vulgar, é fácil, é para apliarmos o termo de Antônio de Alcântara Machado, "cotidiano". Creio que poderá servir para caracterizar essas páginas a história do "aventureiro Ulisses". Lá comum, tão simples, e, no íntimo, tão melancólico. E, sobretudo, pode servir como síntese dessas pinturas de alma e história do "timido José". Pobre diabo sem vontade nem energia, sem reação contra a vida, ele perde os bônus perde a mulher que lhe sorri na rua... Preso na sua timidez vê tudo fugir das suas mãos, enquanto os outros vão colhendo os frutos que ele não não aprovavam...

Quantos simbólos nestas poucas páginas! ...

Pathé-Baby, Braz, Bexiga e Barriga Funda, Larissa da China", completam a obra de ficção publicada por Antônio de Alcântara Machado. Sabemos, porém, que ele tem vários livros inéditos, entre os quais se anuncia um romance — "O Capitão Bertrand", uma coleção de artigos — "Estilingue", um livro de "solos" e uma coleção de "medinhas paulistas". Esses livros irão aparecendo, eu espero, para que possamos julgar com maior exatidão do talento de seu autor.

## V

Chegamos a um dos aspectos mais curiosos do tempo literário de Antônio de Alcântara Machado: a sua tendência para a erudição e a história. Essa tendência é sempre absorbente. E' provável que o escritor acabasse por se entregar totalmente aos trabalhos dessa natureza, abandonando o terreno da imaginação e da criação.

Como historiador, ele se entregou todo a São Paulo — ou, melhor, ainda, ao Padre Anchieto. O ex-Almirante Peixoto definiu-o como um "Anchietiano de quarta geração". E, com efeito, na sua família o culto de Anchieto é tradição que se prolonga desde mais de um século. J. J. Machado de Oliveira, seu bisavô; Brasil Machado, seu avô; Alcântara Machado, seu pai; são todos devotos do apóstolo brasiliense.

Quanto a Antônio, o seu primeiro trabalho de erudição foi uma memória dedicada a uma fase da vida do Padre José, e teve como título — "Anchieto da capitania de São Vicente". A Sociedade Capis-

trano de Abreu consagrara esse trabalho, dando-lhe um prêmio.

Foi a publicação dessa memória que motivou o convite, feito ao jovem erudito pelo ex-Amirante Peixoto, para que redigisse as notas que haviam de acompanhar as "Cartas de Anchieto". Iam tais cartas aparecer em volume, constituindo uma das bem-queridas publicações com que a Academia Brasileira tem enriquecido as lettras nacionais. Convocado, Antônio aceitou a incumbência honrosa. E que trabalho imenso e conciençioso foi o seu! Primeiramente, ele nos deu um resumo da vida do Padre José de Anchieto, que é dos melhores que tenho. Com a sua pena limpida, o seu senso de crítica, ele escolheu, na biografia do grande varão, o que havia de mais belo e característico. E tratou de evitar os enganos e os erros, de que a passagem do tempo e o amor dos brasileiros tem certado aquela vida prodigiosa e apostólica. Depois, ele traduziu e traduziu várias dessas cartas. E por fim, na enriqueceu com mils de setentas notas.

E que notas, algumas delas! Antônio era discípulo de Capistrano de Abreu. Pertencia a esse excol de austeros eruditos, prostrados do senso da crítica e do senso da pesquisa, que se não contentam facilmente com as coisas. Para elas — chamam-se Roaldo Garcia, Paulo Prado, Eugenio de Castro ou Alfonso Taunay — a verdade, na história, é coisa rara, empoeiro difícil de revelar. Por isso é necessário procurá-la sempre num aí que não cansa e que não cessa.

Essa é o espírito que achamos nos comentários de Antônio de Alcântara Machado às cartas de Anchieto. Bibliotecas, museus, laboratórios, institutos de ciência — o que não visitou ele, para redigir as suas notas agudas e informadíssimas! Só a fauna tropical deu-lhe um trabalho incrível. Em uma de suas cartas faz Anchieto a descrição dos bichos brasileiros. Entre esses estão as cobras. Antônio passou dias, semanas, talvez meses, estudando o assunto, nos livros e nos biórios. Não confundiu em sua própria erudição, dirigiu-se aos maiores condecorados sobre o assunto, que encontrou em S. Paulo: o doutor Afrânio do Amaral, diretor do Instituto Butantan, o dr. Olíverio Mario, assistente do Museu Paulista, o dr. Pio Lourenço Correia. E foi com as notas redigidas por estas autoridades da ciência brasileira, que ele enriqueceu os seus comentários anchietianos.

Esse livro já está incorporado à nossa melhor e mais sólida tradição de cultura. E em todos os tempos nenhum estudioso do Brasil, nenhum curioso de nossas origens ou de nossa vida, terá o direito de ignorá-lo.

## VI

Narrador de viagens, autor de contos, escritor de erudição, Antônio de Alcântara Machado levava um pouco dessas várias tendências do seu espírito para a sua atividade de imprensa. Jornalista, desde os tempos da Academia, ele exerceu, na profissão, várias atividades: foi crítico teatral, crítico literário e artístico político. E nessas várias atividades esteve sempre com a sua impunidade, a sua curiosidade, a sua insatisfação das coisas. Seu trabalho de imprensa prolonga-se desde o "Jornal do Comércio" de S. Paulo, o "Diário da Noite", do Rio, folha que ele era diretor.

Eu cravo, entretanto, que o momento mais interessante da carreira jornalística de Antônio foi a fase da renovação literária de S. Paulo, na "Revista de Nova" e na "Revista de Antropologia". Em ambas essas publicações, ele teve um campo largo para a sua faculdade de destruição e crítica. E alguns dos melhores festins daquela tábua de cabibais, que se congregava na "Revista de Antropofagia", foi ele quem organizou.

## VII

E tudo o que ele escreveu é escrito num estilo tão pessoal, tão próprio, tão Antônio de Alcântara Machado... Sim, a verdade é que esse escritor subverteu toda a tradicional arte de escrever. Tudo o

que vemos aconselhado como sendo os preceitos do gosto e da estética pelas velhas doutrinas da literatura, ele limpuu em desrespeito. Sua literatura é um terreno de elipses de zezinhos, de aleijados. Todas as fixuras da gramática, de nomes retumbantes e complicados aspectos, aqui aparecem como num convívio. As concordâncias são, muitas vezes, mentirosas. A sintaxe é uma hipótese. A própria semântica recebe, não raro, os seus paparotes no pará.

Essas construções irrevolucionárias, essas condecoradas chicanas, essas audácia quase cínicas de estilo, acabam por produzir uma impressão de realidade e de vida. E, tanto quanto esses elementos, há um outro característico da prosa de Antônio de Alcântara Machado que contribui para torná-la alegre e viva, oferecendo-lhe a impressão exata de um flagrante de todas as coisas: é a rapidez dos seus períodos. Em seus trabalhos, diariamente acharámos um período de dura ou três linhas. Ele tem a preocupação de encerrar cada uma de suas sentenças em um período. Às vezes nem precisa uma sentença basta-lhe uma palavra... Sua prosa torna-se, assim, vivamente pictorial. Eis uma de suas páginas sobre uma cidade da Espanha (Pathé-Baby): "Reas de emboscada, Beccas de conspiração, Ladeiras de negrinhos. Bafo de muitos séculos. Gente de prato. Só de preto. Janelas grandeadas. Portas de castelo. — 'Buenos dias, señor Marqués'... — Ai esta Toledo, com a sua velhice, o seu ar convidativo, sua doceria morosa e melancólica. Eis, agora, um pequeno trecho caricatural de "Braz, Bexiga e Barriga Funda": "Aristóteles ocochou-o para seu ajudante de ordens. Uma espécie de..." Não achamos, nessa frase, uma pitoresca familiaridade com os vocabulários? Onde, porém, o estilo de Antônio pareça ter-se tornado mais pessoal é na "Laranja da China". Tudo aqui é irreverenciado sistematicamente dos modelos consagrados. Leia-se, por exemplo, este pequeno trecho e poderá-se sentir o instinto das expressões domésticas e populares que havia no escritor: "As sete horas da manhã: Ciceró sem sair da cama encorpiado e pesado para examinar um automóvel deste cunhado parado no meio do quarto. Meio tonto ainda deu um pulo e foi ver o negócio de perto. Em cima do volante tinha um bilhete escrito a máquina..."

A esse estilo coisa alguma repugna — nem as irreverências, nem os erros. O escritor não teme o risco de assombrar, das neofônias, das novinhas de nenhuns desses misteriosos e perigosos labirintos, que nos torturam, a uns outros, quando escrevemos. Mas quando saí do terreno da sua literatura de ficção ele conserva o mesmo espírito de irreverência para com as palavras, a gramática, as frases. E basta ver, por exemplo, o livro das "Cartas de Anchieto". Ali, o estilo de Antônio de Alcântara Machado torna-se mais corrente, menos pessoal, mais semelhante ao estilo de toda a gente. E entretanto, ele continua a dar paparotes na sintaxe e a achar a metáfora agradável em eufematos... (Ver a nota 546 daquele livro).

## VIII

Depois de ter estudado essas várias atividades do espírito de Antônio de Alcântara Machado, eu poderia fixar outras tendências do seu talento e outras fricções de sua obra. Poderia estudar, por exemplo, as suas doutrinas de sociólogo e sua organização de político, o senso da pragmática realidade com que ele amou S. Paulo, a ponto de se entregar, de corpo e alma, à campanha constitucionalista de 1932. Não o farei e por duas razões: a primeira é que este artigo já vai longo demais; e a segunda é que esta coluna é uma coluna de registo das coisas literárias, e não das coisas políticas.

Creio, porém, que o que já disse acerca do meu malogrado amigo e companheiro de geração, foi o suficiente para dar-lhe uma imprecisão completa. Peço, nêmes, que a sua imaginação se refira em meu espírito, através do conhecimento que eu tenho de sua vida e de sua obra.

# O túmulo na neblina -- (Trecho de estudo) -- Mario de Andrade

Antônio de Alcântara Machado é uma mistura de um dos homens com capacidade me entristece. E quem priva de maior intimidade, é Talvez por isso eu me sento agora indeciso no exercer sobre ele. O conheci de mais, e o excesso de conhecimento me deixa, no menos por agora, incapaz de raptá-lo dentro nenhuma sinete a encobrir. Antes ele me aparece numa violenta nebulosa de contradições, e a cada traço dele que se define em mim logo outro se junta que em vez de acentuar o primeiro, o fragiliza.

No entanto eu sinto que para muitos outros que o visitam em que o vivem menos profundamente, Antônio de Alcântara Machado foi um dos mais fáceis de definir e compreender. Para os outros ele surge bem como indivíduo, e portanto verdadeiro. Para mim é simplesmente humano. Tinha confusão dramatizadora,

mas sempre apesar de suas aparições, sempre é o mesmo artista, mais criterioso no apurar o bom do mal... ruim, e só acertar o trigo. Antônio de Alcântara Machado não estava tranquilo consigo, não se agradava de sua convulsiva humanidade, cheia de contradições, inconsequências e malícias. O seu descontentamento não lhe vinha do mundo exterior, lhe vinha dele próprio.

E' um engano dizer que nisso está contente de si. Pelo contrário, a infeliz maioria se não temos a petulância desenfada de nos afirmarmos sempre certo que no resto de nós mesmos nos julgamos excepcionais e competidores. O próprio confessionalismo corrige nada esta inacreditável estupidez humana. E por isso julgamos excepcionais que somos obrigados a botar a culpa de todos nos outros e na vida exterior. Dos erros da acelidade e dos outros indivíduos

deriva a nossa desgraça, e das formas em que a brisa forçara a se mover.

Construirá por isso uma espécie de socia em que se instalará para exercer a vida. Um socialismo extremamente forte, um ser guado e gosador, habilmente distribuidor de simpatias e antipatias decisórias, que se aproximavam dos em cujo convívio ele se valorizava, e afastavam deles os que lhe eram inúteis. Ele mesmo tirava certa validade desse mantequim admirável em que vivia de alheio. Quando quisque de nos comentava o poder de se tornar momentaneamente antipático que ele tinha, o Antônio respondia, satisfeito que nem erância.

Mas este sonha em que Antônio de Alcântara Machado vive com frequência não era absolutamente usado por curvaria, nem mesmo por defesa. Não era hipocrisia. Era, (Continua na pág 233)

# Seis inocentes anedotas sobre o fascismo -- Antonio de Alcantara Machado

## 1º CONCEITO

Começou por um conceito em grata homenagem à natureza popular; o pior inimigo é o amigo. Natureza. Porque serve bem para epígrafe de um estudo ou o que seja sobre a vida interna da Itália fascista. O maior esforço dos adversários exilados de Mussolini tem sido combater a ideia de que Itália e fascismo são uma causa só. Pois de outro lado, acho que para os admiradores do Duce é imprescindível e urgente destruir a convicção geral e natural de que Mussolini e fascismo são uma causa só. Porque na Itália está agora se repetindo a história de sempre: os subordinados comprometem o chefe. De modo tão desastoso e imbecil que um dos trabalhos mais perniciosos de Mussolini e com certeza corrige as bestezas do partidário exaltado em que se apoia. Se o chefe pensa um, os fanáticos fazem logo trás extragendo tudo. São reentusiasmas as manifestações de odio à França em Florença e Milão. O Duce falou em carabinas, canhões e tal com a truculência costumeira. Logo a assistência berrou: Morta a França. Não queria dizer que na invasão do Duce as carabinas, os canhões e tal já não estivessem matando franceses. Mas é inegável que sem a guitarra dos patriotas a causa não teria maior gravidade. Em suma: aquilo que Mussolini projeta na sombra, fascismo revela e escancara. O que se deve nesse caso é menos no temperamento cabumbá da raça que à ânsia nem sempre folha de se valorizar perante quem manda e não pode.

Porque fascistas de verdade, fascistas que tomam de fato a chamada fé fascista, se contam nos dedos. O próprio Mussolini já disse que legítimos fascistas só surgirão mais tarde, estando sendo criados agora só quando adultos os meninos e meninas hoje educados fascisticamente, amamentados com leite fascista, educados na escola fascista, crescidos nas agremiações fascistas. Por enquanto é corrente, na Itália, só há dois sinceros: o chefe Mussolini e o secretário geral Turati. São os únicos que o medo ou o interesse, ou o medo e depois o interesse, não obrigarão a meter a canhota preta. O resto é uma máquina muito bem montada para explorar a atual situação italiana. O fascismo paga bem para ser servido egocêntrico. Não há prosperidade política, social, econômica, intelectual, fofa de fato. Nem sossego. Tornar a vida difícil aos adversários foi sempre polêmica de ofício de Mussolini. A própria indiferença não é tolerada. Cidadão tem que ser sincrônico de fascista.

A energia inerível do chefe se ocupa mais em tentar a samba aprovadora dos adeptos do que a possibilidade dos de fora. Senhores da vida pública e privada, ordenando assaltos, decretando surras e mortes, fazendo e desfazendo impunemente o que bem entendem, variou tiranicos locais se aproveitam da situação para encher o bolso. E ali é que o trabalho do Duce vira tremendo e delicado. Porque é preciso evitar anicos de mais nada a repercução do escândalo, todo desmoronar o fascismo no estrangeiro. Mississipi em tais casos age de modo sumário e exultante. O que ele fez com certo prelado de Milão, não há muito tempo, por exemplo. O tal, sob pretexto de reforçar e iluminar a praça do Duque, cavou em poucos meses uma fortuna. Que é que fez o Duce? Escreveu para o patife: Aceito a sua demissão de prefeito de Milão bem como a congação às obras de beneficência do fascismo na Import-

## MAMA MARIA

Tasso da Silveira

Grande pena, em verdade, que a morte prematura tenha encerrado a carreira literária de Antonio de Alcantara Machado.

Mama Maria, o romance que, inelutavelmente, deixou inacabado, é um testemunho de inteligência criadora mais significativa do que deixavam prever os seus livros anteriores: *Pathé Baby*, *Boca Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China*.

O que se nos apresenta agora em Mama Maria, é um escritor de sereno e lúrido equilíbrio, pensando no sentimento da gravidade da vida, cheio de inesperada experiência dos destinos dolorosos, e, sobretudo, com um poder de penetração psicológica notável. Tudo isso é para mim surpreendente, visto que Antonio de Alcantara Machado foi dos que mais tentaram, no chamado movimento modernista, em acentuar a vida clownesca, irônica e cômica da vida, — o que importava, no que parecia, em cáracter de profunda simpatia humana em seu espírito — em carência dessa profunda compreensão de tudo, comovida e alegria, que é a fonte mesma da arte literária.

Mama Maria ficaria como um dos poucos "tipos" realizados do romance patrício, no mesmo título que a "Capitu", e outros de Machado de Assis, ou o "Grenága da Sá", de Lima Barreto.

(A Nação, 26-7-1936.)

tância de tanto. Tanto, o prodígio da roubaíneira sem perdão de um centésimo. Outros malandros sem收到 bilhetes no mesmo estilo. Sem soitar um pio naturalmente.

Portem tudo isso pouco interessa o estrangeiro. Lavagem doméstica de roupa suja que é bom respeitar. O que não pode deixar de interessar e divertir o turista hoje em dia na Itália por mais decretos que ele seja o modo por que o povo se vinga do regime penitenciário a que está sujeito: comentando com imenso espírito os podres inevitáveis do fascismo. Sobretudo no que se refere ao escabroso capítulo da probidade administrativa. A passividade do rei e a mania auto-propagandista do Duce. Em outubro do ano passado no Biffi, o famoso restaurante da Osteria de Milão, um maestro-substituto do Scialo, um advogado da Casa di Risparmio, um redator do *Corriere della Sera* e o secretário de um fascio da Lombardia me contaram tem voz baixa, em voz baixíssima: algumas anedotas bem engarrafadas a respeito dos homens e da vida do P. N. F. que a Itália inteira consegue, ripite e goza. A Itália inteira, inclusive o dono della Mussolini que (disseram) acha muito espírito nas piadas que lhe conta o inventor de quase todas figura importante da imprensa fascista. Acha muito espírito mas probe a impressão tipográfica. Evidente.

A proibição não me alcança. Eu vou contar.

## 2º — QUELLO

O veneziano conde Volpi, um dos ministros que na famigerada fascista já temido e ensaiado e que se famigerou com descalabadas negociações, estava em um restaurante quando alguém que não o conhecia mas sabia da presença dele perguntou para o garçom:

— Dov'è S. E. il conte Volpi?  
E o garçom amavel:

— Lá, nel fondo, che mangia il Bel-Paese...

## 3º — IDENTIDADE

O mesmo Volpi quis certa vez receber um cheque nominal num banco qualquer de Roma. Porem não tinha documento nenhum provando sua identidade nem era conhecido do caixa. Discutiram, etc. Até que o conde disse:

— Il suo portafoglio, per piacere?

O caixa ficou pasmo brando com o pedido, se couve todo procurando a carteira, não achou, e finalmente concordou, recusando-a das mãos de Volpi soridente. E pagou o cheque diante de tamanha prova de identidade.

## 4º — TAL PAI TAL FILHO

Tutti visitava uma escola primária perto de Florença. Recebido com viva, fez um discurso sobre as maravilhas da nova Itália. Em seguida deu de interrogar a meninada:

— Tu, che cosa sei?  
O pequeno saudou à romana:  
— Fascista!  
— Brav! E tu?  
— Fascista!  
— Bravo, bravo! E tu?  
O lourinho de cabelo em pé disse com força:  
— Socialista!  
— Eh? Che cosa dice? Socialista? E perché?  
— Perché mio padre è socialista.  
Turati subiu a serra:  
— Ma questa è una stupidaggine! Allora, se tuo

padre fosse um ladrão, che cosa saresti tu?

O lourinho com mais força ainda:

— Fascista!

## 5º — MUOLO MOLE

Na via XX Settembre um sujeito conversava com outro e indignado soltou:

— Il Re è un rammollito!

Disse isso e sentiu no ombro a dextra d'um carabiniero:

— Siete in arresto!

— Io, in arresto? Perché?

— Perche avete detto: Il Re è un rammollito?

O sujeito tratou de tirar o corpo.

— Ma io parlavo del Re della Bulgaria!

O carabiniero foi duro:

— Noi Voi avete detto: Il Re è un rammollito. L'unico re rammollito del mondo è il nostro. Siete in arresto!

## 6º — NO CÉU

Mussolini bateu na porta do céu. S. Pedro veia, perguntou quem era.

— BENITO MUSSOLINI!

São Pedro saudou de braço erguido, se curvou ate o chão, Mussolini foi entrando. Para causar um bruto sucesso. Padre Eterno, santos, santas, apóstolos, mártires, serafina, Onze Mil Virgena, todos cercaram o Duce. Mussolini andava de um lado para outro com aquele ar de quem passa tropas em revista. Por fim deram uma poltrona para ele. Sento-se. Tembo a direita o Padre Eterno e à esquerda São Pedro já de camisa preta. Em torno à corte relativa em peso. Porem Mussolini dava mostras de impaciência. Parecia que faltava alguma coisa. São Pedro muito baixulor já estava inc modado. Aze que o Duce não se conteve:

— Il fotografa? Dov'è il fotografo?

## 7º — CASO NIPONICO

O japonês estava vendendo joias de fábrica numa praça de Génova. O italiano chegou e perguntou o preço de um colar.

— Duecento lire.

Era um roubo. O italiano protestou, pechinchou. O japonês deixou por cent. Discutiram mais um pouco: o japonês deixou por cinquenta. O italiano protestando. Atual ficou com o colar por cinco lire. Guardou, pagou, cansou:

— Sá que chosa sei? Un ladro! Come si dice ladro nel Giapone?

— Tara.

— E due ladri?

— Taratara.

— E tre ladri?

— Taratataratara.

— E una quantità di ladri?

Al o japonês começou a cantar com a mímica do ladrão fascista:

— Taratataratara Taratataratara Taratara, taratata...

## 8º — CONCLUSAO

Não resta dúvida que as descomposturas — as revoluções dos Nitti, Iri e sobrinho, das Salvozzi e outros, nada valem diante de pladas como essa seia. São boas e não offendem. De fato não podem ofender os italiano-filos (eu sou decidido porque provam que apesar das pesares, das purgas e das paula-das, aquele povo ótimo continua sendo o mais intelligentemente engracado deste mundo) — su blunar.

(Cavequinha e Saronne)



Fotografia feita em 1931, no Lido, por ocasião de um jantar que os amigos de Portinari promoveram em homenagem a seu aniversário. Entre outros presentes, Antônio Nitti, o casal Portinari, Sílvio Mário, o escritor César Antônio, o pintor Hugo Almeida, que era o aniversariado, Alberto Góspal, Leda Endes, Antônio Bento, Muriel Mazzoni, Manoel Bandeira, Henrique Góspal, Dantas Milão, Alvaro Ribeiro da Costa, José Júlio, Mário Lobo, Antônio de Alcantara Machado e Raimundo de Magalhães Júnior.

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA -- 2.ª Série - Antologia da Prosa - VII - *Afonso Arinos de Melo Franco*



**AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO**

Nasceu Afonso Arinos de Melo Franco em Minas Gerais (1888). Apaixonado da sociologia brasileira, tem-se dedicado à mediação de assuntos de real transcendência nesse terreno.

Afonso Arinos deu cursos em 1933 na Universidade de Uruaçu e em 1939, na Sorbonne. Foi na Universidade do Distrito Federal professor de História. Como jornalista, foi diretor do "Estado de Minas" e da "Folha de Minas" e é hoje colaborador de *A MANHÃ*.

Estudou em Direito, redigiu a tese "Responsabilidade Criminal das Pessoas Jurídicas", exerceu o cargo de advogado do Banco do Brasil.

## Algumas fontes sobre Afonso Arinos de Melo Franco

Alvaro Lins — Um conceito de Civilização Brasileira — Diário da Tarde (Recife) — 5-12-1937.

Antônio de Alencar Machado — Reportagem Literária — Diário de São Paulo — 14-VII-1937.

Eduardo Freire — O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa — Folha de Minas — 30-1-1933.

Elio Pontes — Marília e São Paulo — O Globo.

Euclio Moura — Introdução à Realidade Brasileira — Minas Gerais — 14-5-1933.

José Geraldo Vitrini — Introdução à Realidade Brasileira — A Nação — 4-6-1933.

José de Barros — Espelho de Três Faces — Diário da Noite — 23-11-1937.

José Camilo de Oliveira Neto — Terra do Brasil — O Jornal — 21-12-1939.

Um confronto de textos — O Jornal — 31-12-1935.

Max Fleiss — Realidade Brasileira — Jornal do Comércio — 19-11-1933.

Mário Leão — Conceito de Civilização Brasileira — Jornal do Brasil — 17-3-1937.

Espelho de Três Faces — Jornal do Brasil — 15-11-1937.

O Índio brasileiro — Jornal do Brasil — 20-1-1938.

Oscar Mendes — A era do

Nacionalismo — Estado de Minas — 30-3-1934.

Otávio Tarquínio de Souza — Conceito da Civilização Brasileira — O Jornal — 17-1-1937.

Oscar Mendes — Realidade Brasileira — Estado de Minas — 28-5-1937.

Tristão de Ataíde — Sangue azul — O Jornal — 1940.

Alem de numerosos estudos assinados por: Virgílio Santa Rosa, Pinto de Aguiar, José de Mesquita, Miran M. de Barros Lutti, Luiz Moreno, Julio Vilar de Sá, J. Stein, Osório Lopes, V. de Miranda Reis, Heilo Vilarino, Conrado Canabrava, Maria Lins, Luiz Pandolfi, Nelson Werneck Sodré, Plínio Barreto, Monteiro Lobato, Ribeiro Couto e outros.

Algumas fases estrangeiras — "Handbook of Latin-American Studies".

"Who's who? in Latin America".

"Huit Mois au Brésil", de Henri Trenchon.

Manuel Gahisio, artigo no "Mercure de France".

Joko de Barros, artigo no "Diário de Lisboa".

Arturo Gimenes Pastor, artigo no "Bolívar do Instituto Latino-American de Cultura", de Buenos Aires.

Aires Correia, artigo na "Sociedade Nova", de Lisboa.

Martinho Nobre de Melo, se-

## Língua nacional e língua regional

Muito se tem discutido sobre a língua nacional. O mais recente debate, que foi também dos mais vivos e interessantes, teve entre o meu amigo Cassiano Ribeiro e o escritor português Ribeiro Colaço. Muitas idéias, muitos subídios, de uma parte e de outra, merecem ser considerados e aproveitados.

Não sendo técnico em filologia, não procuraria nunca intervir no debate linguístico. Entretanto, não me fuiro a anotar algumas reflexões que antes se situam no terreno da história e da sociologia, campos em que, embora também não me considere técnico, temo maior familiaridade. A primeira coisa importante a meu ver, para os nacionalistas da língua, é atentar na diferença fundamental que deve existir entre língua nacional e língua regional. A História do Brasil nos ensina que o esforço inicial dos jesuítas, ao tomar contacto com os párabas da costa, foi no sentido de conjugar e fundir a língua que eles falavam, atingindo, se erraram, procurando dar-lhe uma estrutura de conjunto. Não se pode dizer até onde a unidade linguística ajudou o trabalho de pacificação dos índios, mas é hora de dividir que

a pacificação dos índios foi eleito preponderante na política do novo território. Pense que a literatura brasileira deve exercer o seu papel de instrumento de orientação no desenvolvimento da língua nacional, sem se deixar influir muito pelos regionalismos de línguas. Aliás, a literatura, à medida em que se compõe com o pitoresco do estílo regional, deixa de ser brasileira, para ser local. Os temas melhores das nossas leituras são sempre os regionais, não há dúvida. Mas a língua em que devem ser tratados prenha ter uma amplitude brasileira. O excessivo ênfase regional do estílo desnacionaliza a literatura, como acontece, por exemplo, com a obra de Simões Lopes Neto. O admirável sentimento poético desse escritor gaúcho é muitas vezes de difícil apreensão para mim, homem do centro. E, insisto aliás, não é o assunto que em estranho, como não estranho, os assuntos polonais amazonenses, parabianos. O que se dá é que, em suas páginas com dificuldade precisando recorrer ao vocabulário do velho Coruja, o qual, aliás, nem sempre satisfaz.

(Residuo do Tempo — *Antunes e Livros* — V. 1.º — pag. 428).

## UM RIBOMBO DE EPOPEIA

Hoje assisti a uma cerimônia que me tocou profunda e, na sua simplicidade, me lembrou, rezada na Canção da "que Linda Igreja a Catedral", por alma de algumas humildes francesas morreram para sua pátria. No local onde estava havia muitos brasileiros, que todos eram franceses, e eu não pude ter um momento a falar de que me encontro num mundo de Pauls. Falava-se de um mistério de embalos, visto de embalos do povo, poderes misteriosos de mágica rústica e espírito europeu em plena floresta a chama com o fogo cheiram modisamente em volta. Uma, porém, soleneza de rotineiramente, num fragor de espero. Imaginava logo minha esposa de algum fusilado e lhe me lhadou um súbito sentimento de gravidez, que pronunciou o tédio habitual das cerimônias e não me desfez nenhuma até o fim. Aquela pantomima desesperada, bem aliás de mim, fez-me mirando com a música sacra que dava de abóbada sobre todos nós, porões serem arrastados no futebol das casas de baixo, a sensação de que eu não encontrava folha que fizesse ver outras raias, envir outras ruas, que aos poucos encobriam a nave e me dominavam completamente. Via, na rota da tempestade, um curioso de sambas em galopada sobre os Bombaras que emergiam do futebol do passado de França, para atravessarem como no relâmpago sobre as nossas cabeças, nenhuma hora de apreço e desengano. Seni a presença de massas de soldados que desfilavam em turbilhos vendo os horizontes dos céus. E também bandeiros, as de lá e os tricolores, arrastadas num fôrte mal, palpitando acotiladas pelos altos das palmas, ou pelas ventos das pinceladas empurradas de sambas. E ouvi da música triâo e do chope humilde, um ronco distante, um ribombo rouco de roceira em que se misturavam os aplausos e gritos de vitória, os aplausos e gritos de vitória. Sim, de vitória.

(Residuo do tempo).



## O TUMULO NA NEBLINA

(Continuação da pag. 271, antes, sinceridade por demais...)

Em todos os horizontes presos a suas idéias e julgados que se rigem por estes, estaciona uma aparição de sinceridade que nada mais é de fato que teoria. Se julgam sinceras apenas porque são dominadoras.

(Em memória).



Deve sair, possivelmente este ano, em edição do S. P. E. A. N.

— Um Estadista do Republica (biografia de Afonso de Melo Franco).

— História do Banco do Brasil. O primeiro volume dev. sair este ano.

— Tomar Antônio Góis para a "Coleção Iberônica", da editora "Fundo de Cultura Econômica", do Rio.

Numerosos trabalhos, principalmente de poesia e críticas, de Afonso Arinos de Melo Franco se encontram esparsos em livros e revistas, do Rio e dos Estados. Alguns dos seus poemas estão inseridos em coleções e antologias, brasileiras, espanholas e francesas.





# Antologia da literatura brasileira contemporânea

## Mosqueira, o comedor SOBRE PÉGUY

Ha alguns anos já, lendo a servidos em sucessão, velho sibílico de Wilhelm Ludwig tema liso que ainda hoje é o habitual em todas as casas que conservam a tradição mineira. Dianite de cada convívio havia uma vasilha, cheia de gomos de laranja, para refrescar a boca durante a refeição. Era este o hábito de que muitos mineiros velhos ainda se recordam, e porventura praticam.

Veio a sopa, que era um caldo forte de carne com pão, folhas de couve e algumas ervas de cheiro. Prato português. Em seguida apareceu uma carne de vaca, com toucinho, linguiça e arroz muito coado. O desembargador, que já tinha tomado uma terrina inteira de sopa com muita pimenta malagueta (servia-se na própria terrina para evitar o trabalho de encher várias vezes o prato), entrou valenteamente no novo prato, sem se esquecer de ingerir durante todo o tempo pedaços de laranja. Deglutiido o último bocado voltou-se Mosqueira para um escravo, que estava de pé atrás da sua cadeira, e bebeu três copos dágua, que este lhe apresentou. Já então lhe escorria a cara em suor, molhado até a gola da toga de seda.

Continuou o almoço numa sequência inacreditável. Friesasse de galinha (coisa usada em Minas desde o século XVIII, como se vê de um verso das "Cartas Chilenas"), pé de bot com molho muito temperado, legumes da terra, peixe com molho de cebolada, lagarto, tartaruga, ostras...

De cada uma destas iguarias, bateu o desembargador um prato cheio, entremelando a massagão com coquinhos de vinho das Canárias. Este vinho canário era corrente no Brasil daquele tempo. Critico nos fala dela também e Debrét igualmente lhe dedica uma referência.

Só então veio o prato de resistência: um sólido e amarrolado lombo mineiro, daqueles de olhos lânguidos e flor na boca, como

A nova edição da biografia crítica de Péguy, por Daniel Halévy, aparecida recentemente no Canadá, consiste de fato num livro diferente como adverte o autor em nota preliminar. A primeira versão desta obra penetrante de amizade francesa apareceu há quase um quarto de século, e de então para cá as paixões e as ideias que formaram o ambiente habitual da vida de Péguy se desenvolveram, no plano da História, com uma tal força, que realmente um livro escrito em 1918 não poderia dar delas senão uma referência muito pálida.

Halévy (pertencente a uma verdadeira estirpe de escritores que, no correr do século passado e neste, deram à França, em vários gêneros literários, obras duradouras), apesar da sua ascendência alemã, é dono de uma inteligência e de

um estilo em que as virtudes francesas se equilibraram como num Jules Lemaitre, num Tailleur ou num Gourmont. Não se faz diferença entre as tendências espirituais destes netos de Jules e as do mais autêntico nativo das terras onduladas e claras da Ilha de França. Tanto é certo que o meio social prepondera sobre as heranças raciais, na formação das culturas.

Maia, voltando ao livro sobre Péguy, sentimos agora, ao penetrarmos nessa vida tormentosa e misteriosa, levados pela mão de mestre de um guia perfeitamente informado, o quanto Charles Péguy foi um precursor, e como as crises de alma e de inteligência em que se debatia, e que ficaram incompreensíveis aos contemporâneos, eram uma espécie de experiência antecipada das grandes contradições em que a civilização europeia ia, dentro em breve, se engolir. O que parecia obscuro no desenvolvimento do pensamento de Péguy, inclusive a ele próprio, não era obscuro senão misterioso, o que é muito diferente.

pois no mistério existe uma certeza, uma simplicidade à espera da revelação. O impenetrável não é confuso, é apenas a verdade que se recusa ao tempo, mas que pode, talvez, desabrochar no futuro.

Péguy viveu, na sua curta vida, toda a tragédia intelectual do mundo moderno. Socialista ardente e avançado, cedo verificou como a ambição dos homens pode transformar em arma de dominação política os ideais de justiça, equidade, distribuição de vantagens econômicas, que são inseparáveis de qualquer criatura digna. Desprendido das fantasias marxistas, que renegam o conceito de povo em benefício do de classe, evoluiu Péguy para uma melhor compreensão do seu povo, sem transigir em nenhuma qualidade intelectual. E a caricata sub-doutriina dos servidores de Laval e Darlan se manifesta, ao contrário, pela sua ausência completa de ideias originais, ausência desconcertante sobretudo num país que tem sido muito mais um criador do que um executo de doutrinas. Nada justifica tanto um povo como o francês, a falsidade e o postício das suas correntes dominantes, do que a impossibilidade em que se encontram elas, de criar um povo de doutrinas, ou de apresentar sequer uma explicação da sua existência, na qual esse reconhece a sombra do legítimo pensamento francês.

Pesonalmente não acho muito simpático o pensamento de Péguy. Ou, melhor, acho-o perigoso — capaz de explicar satisfatoriamente os menos adverados falsas posições de exploração pretendidamente intelectuais, e também capaz de levar moços, ainda sem independência mental, a caminhos absolutamente errados. A minha geração, no Brasil, foi vítima dessas perdas de rumo que pode conduzir uma juventude apressada e indefesa de Péguy. Certos erros graves de orientação política, que trouxeram ao integralismo, em dado momento, visível apoio intelectual, devem ser resultado desse "síntese", "péguynismo" que hoje compreendo e detesto. Falo por experiência própria, pois andei à beira daqueles erros, quando regressei de um estágio mais prolongado na Europa, em 1932. Péguy, como certos vinhos cípitos da Borgonha, deve ser servido com cautela, pois nos transforma o juizo quando menos percebemos.

Mas tentar encontrar naquele cruzado, naquele formidável poeta cujos livros tem a luxoza, complexa e intensa clareza dos vitrais das igrejas seculares, um profeta de conformismo de Vichy e cometer uma confusão que seria estúpida se não fosse obra de malha lapidada má fe. É fazer tábua rasa de uma intensa riqueza ideológica e emocional e transformar a obra que a contém num equivalente dos discursos de propaganda, compostos à pressa, sob a ameaça da foice, não sólida que não gosta de esfriar.

Afonso Arinos de Melo Franco

Trato da "Proceção de Rousseau" (autógrafo de Afonso Arinos de Melo Franco)

Trato de "Evoções de Rousseau"

Péguy - faquires, meus velhos amigos, sei peca mea

N cara fermeira

Na minha velha coluna de prouça, todo batido de te do clube de Wau, todo tracado deles sonha lhe do vento tropical em te exco, respiroval, choco, de larga juba, o porto de bengalis das roas de meu jardim!

Meus vós e vós meus vós de vós que fui te locoço, Fran-Jacques, rapaz, clochis, e apelos.

Nas e apes, vesti terra de liso clima, onde a terra das ouras longas, os coxos, sacos e clavos e apendicis verdes e verdes e verdes das ouras das pueras, das uqueis, das uqueis...

Trato da "Proceção de Rousseau"